

EDITORIAL

ORAR / ORIGEM

Bendita a sua palavra que falou, que sempre me cingiu, me ouviu. Que me amou e que agora se calou no sempre, dentro do seu peito, insensível aos meus apelos, mas que permanece como fio condutor aos meus pensamentos, no qual teço auguras no meu sentir.

Filha, o que importa é a paz interior, a paz renovada fará você sorrir, silenciosa, encantada e definirá seu caminho, seus valores para melhor conduzir sua vida, sem pedras, sem espinhos. Quando Deus te fascina, será feliz!

Mãe, que me importa se a sua voz não fala mais, se a ouço a clamar por compaixão, enquanto estou eu a lutar comigo mesma? Amo a vida, a terra, o mar, os animais, os peixes... amo e amo o céu e procuro nas estrelas e nas florestas, nas montanhas a minha pequinês?

Sempre disse: a poesia é arte e cultura, história, criatividade. Não tem forma estrutural, não é aprendizado. Poesia é sonho é fantasia, é viver emocionalmente o seu Eu, dia a dia. Nasceu com você filha amada! Faça de tua vida um poema de exaltação! Liberte a poesia que há em ti!

Mesmo conhecendo minhas origens, o ponto inicial de nossa geração ou coisa que tem continuidade no tempo, a vida não me permite ter muitas esperanças, voltar a correr pelos campos, cuidar de ouvir o coaxar de rãs, enquanto observo animais pastando e pássaros a trinar! Será nossa vida a afirmação antecipada da experiência de nossa subterraneidade individual e ancestral?

A fé remove montanhas, filha minha. Assim o Grande Rabi nos falou: tenha a força espiritual que aos filhos Ele doou. Festeje esta santa devoção, espécie de pedido, sublime invocação. Pés descalços, ajoelhados os homens se curvam à força desta crença.

Estamos caminhando sobre trilhos imaginários descobertos e frágeis que nos sustentam e nos prendem ao outro, o nosso semelhante? Se um de nós fraquejar, será grande o perigo para todos os companheiros que carregam os dormentes que sustentam nossa vida, não é, ó minha Mãe? Freud disse que o homem é um animal sublimado. E Victor Frankl (Viena 1905/12997, fundador da neuropsiquiatria) definiu-o como anjo prisioneiro. Somos seres sublimados e prisioneiros de uma geração que passou? Devo me dirigir às nossas origens para invocar novos pensamentos?

Os dias que passamos juntas foram deliciosos e de qualquer forma meditamos sobre nossa vida. Quando Deus traçou o meu destino, lançou sobre mim a sorte de viver sozinha. Aquele que tem o pouco que tenho, o fardo pesado que carrego, me dá o direito, hoje, a um pranto sem dor! Amém

Regina Menezes Loureiro

Leia o Informativo AS ACADÊMICAS no site
www.reginaloureiro.com



COLUNA JOVEM

- Eu sou Thaissa Victória, falou, tenho dez anos, estou na quinta série do EMEF Eliane Rodrigues Alves. Gosto muito de passeios e jogos virtuais. Adoro brincadeiras de pique e gosto de andar de patins.

Às vezes erro, mas recomeço quantas vezes forem necessárias. Espero ganhar nesse ano um hoverboard. Sei que é caro mas dá pra juntar com o presente de Natal.

Uma vez eu li uma história assim...

Era uma vez... um unicórnio que não gostava de comer alimentos saudáveis. Ele só queria comer chips, doce e balas. Só vivia no celular.

Sua mãe andava preocupada.

Este menino vai ficar anêmico!

Certo dia ela disse:

- Quando este meu Bebê vai aprender que a natureza nos fornece alimentos saudáveis? Só come chips e depois da refeição ainda quer doces! Vai ficar fraco e adoecer.

Na hora do almoço era uma guerra. Ele dizia:

- Quero chips, quero doce!

Tão fraquinho que nem doce comia. Ficou triste e no colégio sofria bullying porque nem futebol jogava mais.

Certo dia ele ficou doente. Não foi para a Escola. Sentia tanta saudade daquela garota!

Só assim aprendeu a lição.

Hoje é forte e saudável. Seu prato é colorido com frutas e legumes.

Thaissa Victória Falcão de Souza

- Sou Andressa Regina, aluna do sétima série do EMEF Eliane Rodrigues Alves, tenho doze anos, sabe?

Eu me considero uma adolescente. Prefiro me arrumar, cuidar da minha beleza e espero ganhar no meu aniversário um Kit de maquiagem.

Sou sentimental. Choro, brinco sonho e nem sempre o final é o real.

Sou jovem, sou gente grande!

Estou sempre numa roda gigante.

Estou sempre apaixonada e curti uma história assim:

Os cachorros sem vergonha.

Era uma vez um cachorro chamado Flocos. Ele adorava passear com a sua dona Lívia.

Sempre que chegava em casa, Lívia higienizava seus pés. Depois se ele comesse toda sua ração, ganhava um petisco de sua dona. Com a barriga bem cheia ele ia descansar porque ele era muito preguiçoso. Ficava quase o tempo todo deitado na sua cama e só levantava para comer e passear.

Era sempre assim.

- Eu sou Gabriel. O mais velho da turma. Tenho treze anos. Estudo no EMEF Arthur da Costa e Silva. No último Natal, ganhei um jogo de quebra cabeça que adorei. Gostaria de ganhar como presente no meu aniversário um fone de ouvido ou uma caixinha de som a prova d'água.

Sou um adolescente de hoje e de agora. O presente já passou e o hoje é o agora.

A minha história é muito legal. Eu gosto muito.

Mimo

Era uma vez um cachorrinho chamado Mimo.

Mimo era bem sapeca e gostava muito de seu dono, o Maurício.

Um amigo chamou o Maurício para brincar com ele do outro lado da estrada.

Maurício foi brincar. Mimo não gostava de ficar em casa sozinho, e por isto ficou na grade da janela observando.

Maurício pegou seu celular e botou o fone de ouvido e foi atravessar a pista ouvindo música muito alta e ele não viu o caminhão que vinha e foi atropelado.

Mimo ficou assustado! Nada podia fazer. Latia, gritava e corria até os pais de Maurício e voltava até a janela, para eles socorrerem o filho.

Os pais ouviram os latidos desesperados, correram e levaram Maurício para casa, trataram dos machucados e depois foram para o hospital. Mimo acompanhou tudo. Ficou na porta porque cachorro não entra em hospital.

Mimo não consegue deixar seu dono. Corre e brinca e pula para alegrar seu amiguinho. Ele vive feliz novamente.

Lição:

Não devemos usar celular na rua!

É perigoso.

Gabriel da Vitória Ferreira

Quando chegava alguma visita ele fazia festa, pulava de alegria, lambia o rosto da pessoa e corria, corria pela casa. Ele ficava muito agitado!

Lívia tinha uma vizinha que se chamava Jullia que era sua melhor amiga. Jullia tem um cachorrinho chamada Dora.

Flocos e Dora foram adotados. Dora estava prestes a ganhar filhotinhos e Flocos era o pai.

As duas amigas, Lívia e Jullia, ficavam aliviadas porque eram vizinhas e assim podiam dividir as tarefas de cuidar dos cachorros.

Duas semanas depois nasceram dois filhotinhos e cada uma ficou com um filhote.

O filhote da Lívia se chamava Lolô e da Jullia se chamava Lili. Eles ficaram muito amiguinhos e brincavam sempre juntos.

Andressa Regina Falcão de Souza





Francisco Grijó

Francisco Grijó, capixaba, escritor, professor de Literatura Brasileira, atual secretário de Cultura de Vitória (ES)

Já disse algumas vezes: gosto de ler livros, principalmente aqueles que, sei, ajudam-me a criar tramas e a construir personagens. Já adianto que nunca li qualquer livro meu. Escrevi-os, apenas. Mas não é sobre isso que quero falar. Já mencionei um dos meus autores preferidos – e uma de minhas obsessões: o norte-americano **Kurt Vonnegut, Jr.** Dediquei a ele postagens aqui, neste blogue. Um de seus livros, traduzido como *Barba-Azul*, publicado por aqui em 1988, está sendo relido. Veja só que coisa: há 32 anos eu não era o que sou hoje. Exemplo: nessa época eu não era pai – e isso faz uma enormíssima diferença. Tinha mais cabelo, menos abdômen e só conhecia a realidade de 1 casamento. Quer mais? Chega.

Mas aonde quero chegar? Ano passado, o romance *Fama Volat* – meu último livro, até agora! – foi publicado. A história gira em torno de um duplo homicídio ocorrido na Praia do Canto. Uma das vítimas é uma marchande, de nome Simone Carpeaux. Exponho, dentro de minhas limitações, o mundo da arte plástica (colecionadores, mercado negro, artistas, vaidades, usurações, comerciantes) conectado a uma trama policial. Mas e o que Vonnegut tem a ver com isso? *Barba-Azul*, o romance citado, é a autobiografia de Sarkis Karabekian, pintor do Expressionismo Abstrato que resolve contar a história de sua vida.

Se passares pelo adro
No dia do meu enterro,
Dize à terra que não coma
Os anéis do meu cabelo.
Já não digo que viesses
Cobrir de rosas meu rosto,
Ou que num choro disseses
A qualquer do teu desgosto;
Nem te lembro que beijasses
Meu corpo delgado e belo,
Mas que sempre me guardasses
Os anéis do meu cabelo.
Não me peças mais canções
Porque a cantar vou sofrendo;
Sou como as velas do altar
Que dão luz e vão morrendo.
Se a minha voz conseguisse
Dissuadir essa frieza
E a tua boca sorrisse !
Mas sóbria por natureza
Não a posso renovar
E o brilho vai-se perdendo...
- Sou como as velas do altar
Que dão luz e vão morrendo.

Antônio Botto, nasceu em 17 Agosto 189
(Abrantes, Portugal)
Morreu em 16 Março 1959
(Rio de Janeiro)

António Tomás Botto foi um poeta português. A sua obra mais conhecida, e também a mais polémica, é o livro de poesia *Canções* que, pelo seu carácter abertamente homossexual, causou grande agitação nos meios religiosamente conservadores da época.

A MÃE

“Mamãe, lê historinha pra mim?” “Isadora, eu não sou sua mãe. Sou a vovó Anna.” Passado um tempinho. “Mamãe, você faz uma mamadeira pra mim?” “Zizi, já te falei que não sou sua mãe. Eu sou mãe da sua mãe e a vovó Mercedes é mãe do seu pai, meu amorzinho.” “Ué! Pai tem mãe?!”

Anna Célia Dias Curtinhas
Vitória-ES



ENTÃO, O MEDO CHEGOU

Criaste de modo tão admirável
o mundo e tudo que nele há
e era mesmo tudo tão lindo
que extasiado, tu mesmo te deixaste ficar.
Há a imensidão da terra, berço de tudo.
Há os oceanos com sua biodiversidade.
Há as florestas densas com seus mistérios,
árvores frondosas, passarada sem número,
flores, cores e perfumes de todos os matizes.
Há rios caudalosos, fortes, generosos,
imensos, há montes, montanhas e colinas
tudo de belo, mas que só subsiste
se estiver no seu próprio habitat.
Há tanta bondade em tanta gente
nomino alguns só para citar,
na verdade a lista é tão longa
não recomenda prolongar.
Cito, João Batista Mota, Silvestre Scandian,
ToninoBello, Chico Xavier,
Teresa de Calcutá, Dulce dos Pobres,
Creusa Carolina, AngiolinaBerardi , eu cito.
Paro, por correr o risco de não acabar.
São muitas as mulheres, muitos homens,
jovens e crianças que bem cedo entenderam
o calor que existe no amar.
Entristeço-me a cada vista
que vejo uma nova farmácia se abrir
e ainda mais triste vendo
os vendedores sempre em ação.
Apesar de muito próximas,
a concorrência não é problema ali.
Passo em frente de P.As e vejo tanta gente
a espera de um atendimento médico.
As pessoas não param de adoecer,
em tantos são os casos,
muitos acabam por morrer.

Quase comuns os males,
como a “dengue” e suas comparsas.
Mas de repente o mundo tremeu
Lá da poderosa China nos veio,
um vírus de arrasar.
Depois de matar muitos dos seus,
propagou-se além-mar,
e chegou neste Brasil varonil.
Falatórios e busca de culpados.
Melhor ficar em casa,
todos confinados.
Enquanto o medo se alastra
Vozes benfazejas repetem:
tenham calma, vai passar.
Mas por quê? Ainda se pergunta o por quê?
Ora então não se sabe
que na origem de tudo está
a ausência de amor?
Tudo que era bom,
tal qual Deus criou ,
foi sendo deteriorado,
machucado,
pisado,
destruído,
chupado,
sugado,
sem que se tenha acreditado
que o pior estava por chegar.
No seu pranto, na sua dor clama:
E agora? Agora, humanidade,
vai “tomar juízo”, ser mais sensata.
Repare, que a hora até já passou
ame a Deus, ame o próximo seu,
cuide de sua “Casa Comum”.
Não exclua dos seus cuidados,
Foi por muito amor que Ele tudo criou.

Marlusse Pestana Daher
Vitória, 5 de abril de 2020 17:25